



AS PARTICIPAÇÕES E AS EXPRESSÕES DAS CULTURAS INFANTIS NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: “EU SÓ QUERO BRINCAR!”

PARTICIPATIONS AND EXPRESSIONS OF CHILDREN’S CULTURES IN THE FIRST YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL: “I JUST WANT TO PLAY!”

Ione da Silva Guterres 1


Resumo: As crianças com a faixa etária de até 06 (seis) anos de idade fazem parte dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Nessa perspectiva, esta pesquisa teve como objetivo, compreender como a criança pensa e concebe a sua formação educacional no contexto do 1º Ano do Ensino Fundamental, considerando a sua cultura infantil, a partir de ser e estar criança na Educação Básica. Para garantir esse objetivo, realizou-se uma pesquisa com crianças, de cunho qualitativa, exploratória e de campo. As análises dos dados revelaram que as crianças da instituição investigada são agentes sociais, que participam e interagem com os seus pares, produzindo culturas infantis. Conclui-se a importância da instituição educativa, oportunizar momentos para que as crianças continuem participando e expressando as suas vozes para a melhoria das ações educacionais as quais fazem parte.

Palavras-chave: Participação. Culturas Infantis. Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Abstract: The children aged up to six years old are part of initial years of Elementary School. In this perspective, this research aimed to understand how the child thinks and conceives their educational training in the context of the 1st year of Elementary School, considering their childhood culture, from being a child in Basic Education. To ensure this objective, a qualitative, exploratory and field research was carried out with children. Data analysis revealed that the children of the investigated institution are social agents, who participate and interact with their peers, producing children’s cultures. It is concluded the importance of educational institution, to provide opportunities for children to continue participating and expressing their voices for improvement of educational actions to which they are a part.

Keywords: Participation. Children’s Cultures. Initial Years of Elementary School.

1 Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) da Universidade Federal do Maranhão. Membro do Grupo de Estudos, Pesquisa, Educação, Infância & Docência (GEPEID-UFMA). Docente da Rede Pública Municipal de São Luís-MA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4351538750353897>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9863-9424>. E-mail: ioneguterres@hotmail.com



Introdução: Abrindo o nosso diálogo... com a palavra, as crianças!

As crianças com a faixa etária de até 06 anos estão na fase de alfabetização e outras aprendizagens essenciais às etapas escolares, que envolvem o desenvolvimento e a formação social. Nesse sentido, a legislação brasileira, adotada no ano de 2006, por meio da Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, alterou a redação dos Arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394/96, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 09 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade (BRASIL, 2006).

É nesse contexto que surge esta pesquisa com crianças, dando ênfase às infâncias, localizando-as em um espaço e tempo do 1º ano do Ensino Fundamental. Conforme Moruzzi; Tebet (2010, p. 30): “para a criança, a escola de nove anos traz, ao mesmo tempo, a ampliação de mais um ano do direito à educação pública e gratuita, o que de fato é um avanço, na medida em que significa ampliação de direitos”.

Sendo assim, é preciso pensar nas terminologias: “criança” e “infância”, no contexto dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, refletindo acerca da criança, enquanto pessoa, cidadão com direitos, ator social, sujeito de seu processo de socialização e a infância, como uma categoria ao mesmo tempo social e sociológica, tanto em nível de representações sociais, quanto no âmbito das ciências humanas (BELLONI, 2010).

Ainda pensando nas terminologias: “criança” e “infância”, é possível trilhar um caminho de pesquisas com crianças, para que as mesmas participem da investigação, tendo como ponto de partida uma relação ética e respeitosa, atribuindo às crianças o direito à voz e à participação.

Na trilha destas proposições, justifica-se que o interesse pela temática, está relacionado ao contexto acadêmico e profissional da pesquisadora, oriundo da sua experiência acadêmica no Programa de Pós-Graduação de Ensino da Educação Básica (PPGEEB/UFMA), quando ainda cursava o Mestrado Profissional no período de 2020 a 2021, bem como a sua participação como membro do Grupo de Pesquisas, Educação, Infância & Docência (GEPEID), desenvolvendo várias pesquisas que envolvem os temas da infância e Especialista em Docência na Educação Infantil.

Com relação à experiência profissional da pesquisadora, destaca-se o período de 2005 a 2019, em instituições educativas da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Rede Pública de Ensino Municipal de São Luís do Maranhão, como pilar importante para a realização de pesquisas com crianças, compreendendo-as a partir de uma perspectiva sociológica, isto é, uma categoria geracional que necessita de um olhar sensível e respeitoso sob o ponto de vista da realização de investigações empíricas.

Nessa perspectiva, levantou-se a seguinte questão problema para esta investigação: É possível sonhar com a ideia de infância no 1º Ano do Ensino Fundamental de uma turma de crianças com a faixa etária de 06 anos, pertencentes a Rede Pública Municipal de Ensino de São Luís - MA? À luz do exposto, de acordo com a problemática central descrita, surgiram estas questões norteadoras:

- De que forma, as crianças da rede pública municipal de ensino de São Luís do Maranhão, com a faixa etária de 06 anos de idade, veem a instituição educativa, na qual estão inseridas?
- Em quais situações educativas no 1º ano do Ensino Fundamental é garantido o direito de ser (estar) criança como sujeito histórico e produtor de cultura?
- Quais ações de participação e expressão da cultura infantil podem ser sugeridas pelas crianças, para a melhoria das interações no cotidiano educacional?

Por meio dessas indagações, surgiu o objetivo geral da pesquisa que consiste em compreender como a criança pensa e concebe a sua formação educacional no contexto do 1º Ano do Ensino Fundamental, considerando a sua cultura infantil, a partir de ser e estar criança na Educação Básica. Como desdobramento, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos: discutir de que forma as crianças da rede pública municipal de ensino de São Luís do Maranhão, com a faixa etária de 06 anos de idade, veem a instituição educativa na qual estão inseridas; averiguar em quais situações educativas do 1º Ano do Ensino Fundamental é garantido o direito de ser (estar) da criança como

sujeito histórico e produtor de cultura; propiciar ações de participação e expressão da cultura infantil, sugeridas pelas crianças, para a melhoria das interações no cotidiano educacional.

Para dar fundamentação teórica a esta investigação, foram revisitados os pesquisadores da área, como: Corsaro (2011), Kuhlmann Junior (2015), Barbosa (2007), Delgado (2018), Faria (2007), dentre outros. Dessa forma, organizou-se essa investigação em três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira, apresenta-se a Metodologia da Pesquisa escolhida, com o objetivo de situar a pesquisa com crianças e a sua singularidade na infância. Na segunda seção, a partir dos estudiosos da Sociologia da Infância, como Corsaro (2011); Quintero (2002), entre outros, busca-se apresentar a criança como protagonista e agente social da cultura infantil. Por fim, na terceira seção, busca-se apresentar os resultados e discussões gerados durante a pesquisa.

Conhecer a metodologia da Pesquisa com Crianças, discutir e refletir sobre as expressões infantis, é sempre uma oportunidade para evidenciar às instituições educacionais públicas municipais dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que as crianças com a faixa etária de até 06 anos de idade são consideradas protagonistas da cultura infantil. Oportunidades como essas, lhe darão possibilidades de terem atendidas as suas necessidades e habilidades no universo infantil.

Metodologia: Pesquisa com crianças ou para as crianças?

É possível definir que o ato de pesquisar é uma atividade concreta, que nos remete a pensar em questões éticas que se inter-relacionam: o que pesquisar, para quem pesquisar, para que pesquisar e com quem pesquisar. Para Minayo (2016, p.16): “A pesquisa é a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo”.

Assim sendo, durante a realização de pesquisas com crianças é pertinente evidenciar as singularidades que buscam para viver a infância. Para Filho e Barbosa (2010, p. 14): “a relação entre adultos e crianças não pode seguir um viés de submissão e sim de mediação, interação e negociação”.

Nessa perspectiva, desenvolveu-se uma pesquisa de cunho qualitativa, do ponto de vista dos objetivos, foi uma pesquisa exploratória, quanto aos procedimentos técnicos, realizou-se a pesquisa de campo, com adaptação do método etnográfico ao universo da criança. Sobre o método etnográfico, destaca-se Willian Corsaro, um estudioso de referência nos estudos da infância na atualidade, defende que a etnografia permite aos pesquisadores que entrem e sejam aceitos na vida daqueles que estudam e dela participem. Neste sentido, por assim dizer, a etnografia envolve “tornar-se nativo” (CORSARO, 2005).

Ainda sobre a etnografia com crianças e o seu papel como sujeitos das pesquisas, Quintero (2009), aponta:

[...] a etnografia, apesar de ser uma opção metodológica exigente, como já alertou Sarmento, parece constituir-se como recurso mais adequado, pois permite ao pesquisador: 1) a intimidade com o campo, devido a seu pertencimento; 2) sua participação nas formulações das crianças; 3) a observação de longo alcance, que poderá oferecer elementos para avaliar as possibilidades ou a viabilidade da coleta ou utilização da fala das crianças, sejam elas obtidas por entrevistas, testemunhos orais ou outros instrumentos metodológicos (QUINTERO, 2009, p. 40-41).

Os instrumentos de geração de dados foram: a gravação de entrevista com cada criança; a observação participante e os desenhos das crianças, pois estes instrumentos facilitaram a oralidade infantil; e o registro escrito do cotidiano das crianças.

A observação participante ocorreu nos momentos das atividades da criança na sala de aula ou nas áreas externas e foi registrada no diário de campo da pesquisadora. O desenho infantil enfatiza a produção cultural das crianças e representa um instrumento revelador das representações infantis (FILHO; BARBOSA, 2010).

A forma de análise e interpretação dos dados, utilizados na pesquisa, foram as transcrições das falas das crianças, fazendo a mediação sem distorcer as ideias das mesmas. De acordo com Graue; Walsh (2003, p.15) “os dados não estão por aí a nossa espera”, no entanto, surgem das relações e interações que o pesquisador estabelece com o campo de pesquisa, de modo que um dado tem muitas possibilidades de interpretação dependendo do olhar do pesquisador (CAMPOS *et al.*, 2017).

Diante do exposto nesta pesquisa, foi possível pensar também nos desafios éticos para organização da mesma, ponderando sobre a ética na pesquisa que perpassa na relação entre pesquisador e criança. Kramer (2002) alerta para os cuidados do pesquisador em não identificar as crianças quando implica em risco, isto é, usar números, combinar letras iniciais e finais (pois nega a sua condição de sujeito da pesquisa), desconsidera sua identidade; identificação de nomes fictícios escolhidos ou não pelas crianças; e identificação do nome real da criança, sem revelar o nome da escola e da turma.

Nesse contexto, de acordo com os dados gerados pela pesquisa sem exposição das crianças de forma indevida, propôs-se trabalhar com um referencial teórico que concebem as crianças como categoria social, compreendendo-as como cidadãos, sujeitos das histórias, pessoas que produzem cultura e sujeitos ativos (KRAMER, 2002). Logo, utilizaram-se os nomes verdadeiros das crianças participantes da investigação, sem oferecer riscos às mesmas.

O Escutar às crianças e a renúncia às concepções adultocêntricas

Carta às crianças

É difícil fazer as coisas difíceis: falar com o surdo mostrar a rosa ao cego. Criança aprende a fazer as coisas difíceis: dar a mão ao cego cantar para o surdo, libertar os escravos (GIANNI RODARI, 1982).

O pensamento de Gianni Rodari, além de ter relação com a temática dessa investigação, nos convida a refletir sobre como podemos escutar as crianças de maneira sensível, sem trazê-las para o campo das ideias dos adultos. Nessa perspectiva, pesquisar com crianças implica dar visibilidade às suas falas, aos seus sentimentos e às suas expressões. Isso implica, ao pesquisador, a necessidade de escutar as crianças, valorizando suas vozes e os seus pontos de vista e mobilizando suas múltiplas linguagens.

Torna-se evidente que, para os estudiosos da Sociologia da Infância, as crianças também são consideradas sujeitos ativos de direitos e construtoras de conhecimentos que pensam e interagem com seus pares, produzindo cultura, quer seja na escola, na família ou no Estado e a infância uma fase em construção social (MONTANDON, 2001; SIROTA, 2001; QUINTEIRO, 2002; CORSARO, 2011; QVORTRUP, 2010).

Nesse contexto, os pesquisadores que optam em realizar investigações com as crianças no âmbito educacional, precisam compreender a infância e principalmente sobre o que pensam as crianças a respeito do seu cotidiano escolar, isso inclui as suas atividades, os seus professores, os seus colegas e os adultos em geral. Enfim, é necessário refletir como as crianças do 1º Ano do Ensino Fundamental se veem, se sentem, pensam e interagem no seu cotidiano escolar.

Esse novo referencial de pesquisa:

[...] significa que não precisamos quando pesquisamos crianças fazer esforços imensos de interpretação, buscando sentidos ocultos ou desvelamentos surpreendentes, o que vale é a inversão e o esforço de ir ao encontro de uma certa “lei da raridade” (ABRAMOWICZ, 2011, p. 24).

A partir dessa maneira de pensar, faz-se necessário abandonar as concepções de infâncias e crianças articuladas ao comportamento adultocêntrico.

Posto isto, Barbosa (2007), afirma:

Para refletir sobre a escolarização das crianças brasileiras contemporâneas é preciso compreender as dimensões do ser criança e viver a infância neste momento histórico e neste país; conhecer as novas estruturas familiares e suas culturas que estão sendo cotidianamente vividas e praticadas pelas crianças, como também repensar a legitimidade dos conhecimentos escolares e dos modos convencionais de socialização da escola, numa sociedade onde a multiplicidade de socializações pressupõe o confronto e o entrelaçamento entre as culturas (BARBOSA, 2007, p. 1062).

Certamente que durante a reflexão acerca da escolarização das crianças, os conceitos de “criança” e “infância” são ideias centrais nos estudos da Pedagogia, da Educação Infantil e da Sociologia da Infância, e estão intrinsecamente relacionados à criança enquanto ser biológico, histórico e nos diversos contextos sociais e culturais (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014).

Tais conceitos nos fazem ponderar sobre o ser e estar crianças na sociedade contemporânea, bem como as suas interações sociais na escola, particularmente se as crianças já exercem os seus direitos e protagonismo na educação escolar.

Na mesma linha de pensamento, destaca-se Quinteiro (2002) que amplia a discussão acerca dos direitos da infância nas escolas brasileiras, afirmando que as crianças apresentam condições sociais precárias de desenvolvimento educacional, assim questiona:

Afinal, o que sabemos sobre as culturas infantis? O que conhecemos sobre os modos de vida das crianças indígenas, negras e brancas? O que sabemos sobre as crianças que frequentam a escola pública? Como aprendem? O que aprendem? O que sentem? O que pensam? Ressalta-se, ainda, que as relações de poder entre o adulto e a criança, caracterizadas pela condição de subalternidade desta em relação àquele, constituem-se tema elementar para a compreensão das culturas infantis, porém tais estudos ainda estão por serem realizados, tanto local quanto internacionalmente (QUINTEIRO, 2002, p. 5).

A autora explica, a partir de uma perspectiva sociológica, a importância de se refletir acerca dos direitos da criança junto a elas próprias, compreendendo como pensam e concebem o mundo e a escola.

Corsaro (2011, p. 15) afirma:

[...] as crianças são agentes sociais, ativos e criativos [...] a *infância* – esse período socialmente construído em que as crianças vivem suas vidas – é uma forma estrutural [...] uma categoria ou uma parte da sociedade, com classes sociais e grupos de idade.

Além de enfatizar o papel da criança junto às pesquisas, destaca-se a importância de estudar a infância em uma perspectiva interdisciplinar, compreendendo que as crianças também podem participar e expressar as suas culturas infantis.

Delgado (2018) aponta como a infância era considerada nos anos de 1980:

[...] não era um tema de estudo importante no campo da Sociologia, como foi na Psicologia, na Psicanálise, na Medicina e na Pedagogia. A Sociologia, com exceção de alguns estudos, como o de Florestan Fernandes e o de José de Souza Martins, aqui no Brasil, e de outros pesquisadores estrangeiros, por muitos anos silenciou a presença das crianças enquanto atores sociais dignos de estudo. Assim, a Sociologia, ou considerava as crianças no seu ofício de alunas no contexto escolar, ou as diluía no estudo da família. Sendo assim, a infância não era

considerada como categoria social digna de estudo (DELGADO, 2018, p.25).

Convém ressaltar o interesse pelas crianças como agentes sociais, destacado em pesquisas brasileiras desde o início do século XX. A investigação do sociólogo brasileiro Fernandes (1920-1955) intitulada: “As Trocinhas¹ do Bom Retiro”, na cidade de São Paulo, no ano de 1944, representa o pioneirismo de pesquisa com crianças, pois a mesma analisa o processo de formação da cultura infantil a partir da forma de organização das crianças, os momentos de brincadeiras e a formação de grupos (FERNANDES, 2016).

Ademais, outra investigação pioneira de pesquisa com crianças ocorreu no século XX no Brasil, por meio dos concursos de desenho infantil realizados por Mário de Andrade, a partir do ano de 1937, quando foi diretor do Departamento de Cultura do município de São Paulo. Essa pesquisa com crianças tinha como objetivo compreender as experiências e os desejos das crianças que frequentam os parques infantis através de seus desenhos. E assim, surgiram mais duas investigações² voltadas para pesquisas com crianças: uma pesquisa buscava por meio dos desenhos dar visibilidade às crianças e os desenhos como viam a sua escola, a outra pesquisa sobre as crianças trazia relatos da infância de crianças que viviam em áreas camponesas (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014).

Como pesquisadora da infância³, considera-se um grande desafio a realização de pesquisa com crianças em um contexto da escola da rede pública municipal de São Luís-MA. Acrescento também que ir a campo nos permite ver, perceber e significar as descobertas encontradas.

De acordo com Martins Filho; Barbosa (2010):

Podemos dizer que é muita nova, entre pesquisadores a preocupação em desenvolver metodologias que levem o adulto a escutar o ponto de vista das crianças. De fato, a atitude que coloca o adulto na posição de captar das próprias crianças as peculiaridades e especificidades do mundo social da infância, é algo que tem motivado pesquisadores a querer conhecer o que elas pensam, sentem, dizem e fazem. Para tal, precisamos ainda superar o grande desafio de aprender a se relacionar respeitando os jeitos de ser das crianças (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2010, p. 11-12).

A busca por respostas na pesquisa com crianças implicará em um exercício teórico-metodológico importante para o pesquisador em relação a escuta e aceitação das falas das crianças de forma respeitosa e ética. Assim sendo, o pesquisador precisa tornar-se uma “figura familiar” e não reforçar a ideia de a criança ser imatura.

Cabe ressaltar que é necessário pensar nas crianças como protagonistas sociais, que fazem perguntas, se expressam e participam e ao mesmo tempo contribuem com o pesquisador, submetendo-o ao desafio de pesquisar em busca da ampliação dos conhecimentos relacionados às infâncias e às crianças.

Sobre isto, Guterres (2022) corrobora:

Propõe-se nesta pesquisa a ponderação, sob o ponto de vista sociológico, da participação da criança como protagonista no ambiente escolar. Aos poucos, a concepção da criança enquanto sujeito histórico, categoria geracional, ser ativo, cidadão de direito, vai sendo incorporada nos relatos de pesquisas, em textos apresentados e/ou publicados, no discurso de pesquisadores e estudantes, sobretudo na área da educação da infância. Assim sendo, os apontamentos trazidos até o momento assinalam a pertinência de se realizar

1 Trocinhas são agrupamentos infantis construídos pelas crianças.

2 Sobre as investigações com crianças, destaca-se a pesquisa de Paulo Freire, então Secretário de Educação em São Paulo, na gestão de 1989 a 1992 da prefeita Luiza Erundina. A outra investigação foi realizada por José de Souza Martins (1993), trazendo à tona a discussão sobre a luta pela terra (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014).

3 A primeira pessoa do singular será utilizada quando houver referência às experiências individuais da pesquisadora.

uma leitura reflexiva sobre o conceito da infância no contexto da história e da sociologia contemporânea, considerando a criança como um sujeito social, histórico e de direitos (GUTERRES, 2022, p. 41- 42).

Esta contribuição sobre a participação da criança como protagonista no ambiente escolar, sob o ponto de vista sociológico, servirá para justificar a valorização das crianças, conferindo a elas o direito de viverem as suas culturas infantis e serem felizes, sujeitos de direitos e produtores de cultura.

Isto posto, o movimento das pesquisas com crianças viabiliza que as mesmas possam ter a sua representatividade garantida, principalmente no cotidiano escolar. A garantia do direito da participação e expressão da cultura infantil tornará a instituição educativa como mais um espaço social importante na formação das crianças.

Resultados e Discussão: "Aqui é mais legal, mais grande, tem uma quadra gigante"!

O cenário da pesquisa foi a Unidade de Educação Básica Alberico Silva (Ciep), uma escola dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da rede pública municipal de ensino de São Luís – MA, situada na Rua Viveiros de Castro, Nº 100, Bairro: Alemanha, atende do 1º ao 5º ano, nos turnos matutino e vespertino. Os sujeitos da pesquisa foram 07 (sete) estudantes da turma do 1º ano B do turno matutino. As crianças serão apresentadas com o primeiro nome seguindo a ordem alfabética: André, David, Manoel, Maria Luiza, Lilian, Naila e Samuel. A pesquisa ocorreu no período de 09 a 29 de junho e continuou durante o mês de agosto (01 a 31 de agosto).

Isto posto, pensando na entrada do pesquisador em campo, Barbosa (2008) corrobora que:

Entrar no cotidiano de uma instituição para ver todas as coisas como se as estivesse vendo pela primeira vez é um exercício que requer atenção, disciplina e ética. O pesquisador tem, nesse exercício, a fonte do seu trabalho. Por isso, talvez o pesquisador seja um pouco artista também. E, quando esse exercício implica ver a criança como sujeito da pesquisa, torna-se um trabalho ainda mais delicado. Isso porque não temos muitas pesquisas que se encaminhem nessa perspectiva, que possam nos dar indícios de estratégias metodológicas para a pesquisa com crianças pequenas, onde seja considerada a sua voz como material de pesquisa (BARBOSA, 2008, p.4).

Cabe ressaltar que a entrada no campo, aceitação e natureza da pesquisa com crianças, deixa o pesquisador preocupado em relação a sua atuação. No primeiro dia (09/07/2022) da entrada da pesquisadora em campo ocorreu essa situação de preocupação e ao mesmo tempo expectativas para ouvir as crianças. Após a apresentação da pesquisadora para a turma, informando o que iria fazer com as crianças durante esse período da pesquisa, já foi possível perceber o interesse das crianças pela temática, conforme diálogo entre entrevistadora e entrevistados⁴. Segue trecho da primeira entrevista.

Entrevista 01 – Apresentação da pesquisadora.

Entrevistadora: *Bom dia, crianças! Eu sou Ione, a pesquisadora da UFMA, estarei aqui com vocês para conversarmos sobre as experiências educativas que vocês vivenciam todos os dias aqui na escola. Gostaria de saber quem, poderia me ajudar.*

Entrevistados: *Bom dia, tia Ione. Você também é professora, igual a tia Andrea?*

Entrevistadora: *Sou sim, mas também sou pesquisadora lá da Universidade. Vocês sabem o que faz uma pesquisadora?*

Entrevistados: *Sim, tia. Você pesquisa, igual os cientistas. E o*

4 As falas estão transcritas tal qual o original.

que a senhora vai pesquisar da gente?

Entrevistadora: *Risos! Na verdade, iremos conversar sobre atividades que vocês fazem aqui na escola do Fundamental. Quem de vocês gostaria de conversar comigo?*

Entrevistadores: *Eu gostaria, tia pesquisadora!*

Entrevistadora: *Digam o nome por favor, que voltarei para conversarmos. As crianças interessadas, informaram o nome a seguir.*

Entrevistados: *Eu quero, meu nome é André. Tia, vamos brincar? Coloca meu nome aí: André, David, Manoel, Maria Luiza, Lilian, Naila e Samuel. (Informação verbal)⁵*

Sobre a entrada no campo, Corsaro corrobora:

[...] estava bem preocupado com minha entrada em campo na primeira pré-escola italiana, pois mal compreendia italiano, naquela época, mas isso não durou muito". [...] "fazer pesquisa etnográfica com crianças pequenas envolve um certo número de desafios uma vez que os adultos são percebidos como poderosos e controladores de suas vidas (CORSARO, 2005, p. 452).

A partir da contribuição de Corsaro com relação às pesquisas com crianças, percebe-se que este tipo de pesquisa possui características iniciais que podem ser flexíveis com relação à geração e interpretação dos dados com as crianças. Sendo assim, é necessário que os pesquisadores realizem acordos com as crianças.

Para a iniciação da pesquisa no campo, apresentou-se à instituição o Termo de Concordância da Instituição e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a professora e para realização da investigação explicando os objetivos e metodologia da pesquisa. Para as famílias (pais e/ou responsáveis) o TCLE e o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Dados Digitais; para as crianças o Termo de Assentimento Informado às crianças. Nestes termos foram apresentados, por meio de uma reunião de pais e/ou responsáveis, as informações pertinentes à pesquisa. Com relação ao Termo de Assentimento Informado às Crianças, este documento foi elaborado em linguagem acessível para as mesmas participarem da pesquisa conforme o seu consentimento.

Com os Termos de Assentimento Informado às Crianças (Figura 01) e os Termos de Consentimentos dos pais e/ou responsáveis, deu-se início à pesquisa.

Figura 1. Momento de Assinatura do Termo de Assentimento da Criança



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Ao entrar no campo sentiu-se a mesma preocupação de Corsaro (2015), uma manhã de desafios, uma vez que os adultos são percebidos pelas crianças como “poderosos e controladores de suas vidas”. Na manhã do dia 09/06/2022, foi possível observar como as crianças expressam as

5 Entrevista com os alunos da escola.

suas culturas infantis na sala de aula com a professora Andrea, conforme representado na figura 02.

Figura 2. Professora Andrea iniciando as atividades de Acolhida



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Em relação a figura 02, percebe-se um momento importante durante as atividades escolares da professora com as crianças. Observa-se nesse momento a participação das crianças, pois a professora realiza com elas, de forma lúdica e interdisciplinar, atividades de acolhida importante, tais como: chamada, calendário, letra inicial do nome, quantidade de crianças presentes, entre outras atividades.

Dando prosseguimento aos dados gerados no campo⁶, apresenta-se a Entrevista 02: Início da Roda de Conversa: Quais são os espaços que sua escola tem? Fale um pouco sobre a sua professora.

Entrevistadora: *Agora que começou, bom dia outra vez. Vamos começar a nossa roda de conversa? No começo, não estava gravando, agora está. Eu sou Ione, pesquisadora da UFMA, Lilian, Manoel, Samuel, Maria Luiza, David e André, vocês lembram de mim? Então a gente vai conversar aqui sobre aquela atividade de pesquisa que expliquei para vocês no primeiro dia do nosso encontro. Aquela atividade sobre vocês, eu gostaria de ouvir as vozes de vocês, que são vozes tão importante para gente, sabiam? Então eu vou fazer umas perguntas, conversar aqui com vocês, aí cada criança na sua vez vai me respondendo, contando sobre cada pergunta.*

Entrevistadora: *Quais são os espaços que sua escola tem? Essa escola aqui do Fundamental. Quais são os espaços que ela tem?*

Lilian: *Tem a quadra, as salas. Tem banheiro. A sala de aula é o meu espaço preferido. Porque lá serve para aprender. Na sala de aula eu aprendo muita coisa. Eu aprendi com a professora Andrea, que no planeta tem mais água, que terra. Tia Andrea... Ela ensina a gente, é legal. Ela me ensinou. Aprendo muitas coisas legais. Tô me lembrando que ela me ensinou. Sim, tô lembrando aqui que a água é importante. Não podemos viver sem água no mundo.*

Manoel: *A sala de aula, o pátio, o banheiro. Gosto mais de ficar no pátio, para conversar e brincar. Professora Andrea. Gosto quando ela passa agenda, faz atividade e brincadeira.*

Samuel: *O refeitório, a sala, o pátio, a diretoria, a sala de Matemática, a sala de Português, a sala de Inglês. Andréa. Aprendo a estudar, escrever. Ela gosta de mim... (Inaudível)...*

⁶ A partir das rodas de conversas, dar-se-á início as entrevistas da pesquisadora com as crianças, perfazendo um total de 07 (sete) entrevistas ou conversas em roda sobre a pesquisa que consiste em compreender como a criança pensa e concebe a sua formação educacional no contexto do 1º Ano do Ensino Fundamental, considerando a sua cultura infantil, a partir de ser e estar criança na Educação Básica.

eu gosto de ... (Inaudível)... de falar as coisas pra ela.

Maria Luiza: *A sala de aula, porque dá pra gente sentar, dá pra gente brincar um pouquinho, dá pra gente estudar, dá pra professora ver o que a gente tá fazendo. E o pátio, porque dar pra mim poder ficar brincando quando tem Educação Física. Eu aprendo algumas coisas com a professora Andrea, eu aprendo com a tia de Educação Física, com a tia de Inglês e com a professora Teresinha. Mas com a professora Andrea, eu aprendo algumas atividades. **David:** A sala de aula, o refeitório. Gosto mais da sala, porque eu estudo. O nome dela é Andrea.*

André: *O pátio, a sala, a quadra. Eu gosto desses espaços porque é muito legal. Estão reformando o pátio né? Ali dá pra eu jogar bola... O nome dela é Andrea. Quando a gente tá conversando, ela chama a nossa atenção. A Professora Andrea, eu gosto dela é nas aulas... é nos estudos, quando ela me chama pra fazer alguma coisa. Ah tem a raiva dela que não gosto. É por que eu faço umas pegadinhas de mal gosto, aí ela fica com raiva. Eu já fui três vezes pra sala da diretora. Eu aprendo tudo com ela. Eu aprendo os livros, os livros de Português, eu também aprendo... Estudar... Eu tenho outras professoras que eu também gosto. Professora Rita, é ... ruidos... e eu acho que a professora Fatima. Eu fico com essas professoras, quando a Professora Andrea não vem. Ela tem um dia de folga. (Informação verbal)?*

Em uma primeira análise, nas falas das crianças entrevistadas, percebe-se a inserção da cultura escolar enfatizada nas turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Em relação ao primeiro ano, as crianças, embora estejam participando das ações educativas do cotidiano escolar, estão sempre demonstrando as características da cultura infantil, expressando a linguagem do brincar nas suas falas.

Nesse sentido cabe ressaltar que as crianças do Primeiro Ano do Ensino Fundamental, apesar de fazerem parte da “forma escolar” e da escolarização, necessitam durante a sua formação educacional serem reconhecidas e valorizadas como crianças. Faria (2007, p.15), aponta que “desta forma, vemos reconhecido que educar as crianças pequenas não é apenas ‘tomar conta’, exige um(a) profissional que não deve seguir o modelo escolar nem no conteúdo, nem no espaço, nem no tempo”.

Constata-se na entrevista 03, que traz respostas acerca da Educação Infantil, os seus espaços e educadoras, as expressões das crianças revelam informações relevantes conforme a seguir:

Entrevista 03: E agora gostaria de saber se vocês lembram da escola da Educação Infantil? Contem um pouco para mim sobre os espaços, sobre a professora e etc.

Entrevistadora: *Que bom, crianças!*

Lilian: *Tinha o andar de cima e o andar de baixo. Eu estudei no andar de baixo, depois fui pro andar de cima. Tinha banheiro, bebedouro e não tinha pátio. Eu só lembro que fiquei em 3 salas. É por que na primeira sala que eu entrei tinha duas professoras. Eu tinha a professora mesma e a outra professora. O nome da tia, eu não me lembro o nome dela, mas o nome da tia do Infantil II, era Paula. Eu brincava, estudava.*

Manoel: *Tinha banheiro, sala de aula e pátio. Eu não lembro o nome da professora. Aprendi atividade e matéria. Eu apontava o nome e a letra do alfabeto.*

Samuel: *Era pequena, não cabia... (inaudível)...agora que tão reformando. Eu não lembro o nome da professora... ah, lembrei...tia Jesus...tia Jesus não, tia Francisca a.... (inaudível)... ah, inaudível... baixinha.... Aprendi a escrever, pintar, falar... (inaudível)... baixinha ela é professora de... (inaudível).*

Maria Luiza: *Só tinha sala, banheiro, mas só não tinha pátio, só tinha a sala. Ela era do cabelo cacheado, ela era magrinha, ela era bem legal com a gente, só que ela colocou a gente pra ficar de castigo. Eu só aprendi os deveres, aí depois ela deu um horário pra gente brincar na sala e depois voltar para fazer o dever, eu até dormia lá. Eu fazia uns deveres que eu não sei qual é nome, aí ela deixava a gente brincar e depois a gente dormia lá e de manhã a nossa mãe buscava a gente. Eu aprendi fazer os deveres, dever difícil. Era tabuada. Ela colocava tabuada de dois, assim: 2+1, aí eu não sabia, aí ela falava 3.*

David: *Os espaços eram iguais aqui.*

André: *O espaço de lá, era a sala, a quadra. Ana Rosa. Aprendi com ela matemática. Os números. Tinha, uma professora, mas era porque ela era muito "lentinha", ela era muito sonolenta... risos. É porque, não sei, ela ajudava a gente devagarinho, assim oh. Aprendi a mesma coisa que tinha ali...estudava, lia os livros de Português. (Informação verbal)⁸*

As falas das crianças desvelam uma Educação Infantil com a presença do processo de escolarização e a preocupação na antecipação do currículo, para as crianças, quando ainda estavam na primeira etapa da Educação Básica. Nesse contexto é elementar que se leve em consideração o que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs) (BRASIL, 2010) afirma em relação a transição para o Ensino Fundamental:

A proposta pedagógica deve prever formas para garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental (BRASIL, 2010, p. 30).

Dando prosseguimento, foi necessário ouvir das crianças entrevistadas como ocorre a interação com seus pares. As informações abaixo da, entrevista 04, trazem importantes discussões.

Entrevista 04: Como vocês se relacionam com os coleguinhas da turma do Primeiro Ano do Ensino Fundamental? Falem um pouco.

Lilian: *Eu brinco com eles, converso. Tenho o amigo David.*

Manoel: *Eu brinco com o André, Sofia, Paulo, Kauã e Biel.*

Samuel: *Tenho, o nome dele é André, Gledson, Vitória Isabel, também a Talita, a Maria Clara e uma menina que não sei.*

Maria Luiza: *Aqui dessa escola. Hum rum... Eu converso um pouquinho, eu brinco, eu acho legal. Meus amigos são: André, Nayla, Clara, Ana Lara, Deivid, Manuel, Emanuel e Davi que é meu primo.*

David: *André, aquele ali, José Vicente e Aila.*

André: *Muito legal eles, quando eu cheguei... sabe a Laila, ela já tava lá, ela chegou de repente, aí ela falou eu conheço tu, quem é? Eu perguntei quem é? Ela disse André, aí eu tirei a máscara. (Informação verbal)⁹*

8 Respostas das crianças entrevistadas.

9 Respostas das crianças entrevistadas.

É relevante abordar, primeiramente, que as crianças se relacionam bem; elas brincam, conversam e vivem em processo de interação com os seus pares. Graue; Walsh (2003) apontam que nas pesquisas com crianças objetiva-se pesquisar o que se passa entre elas, isto é, nas suas relações com os seus pares (adultos e ou crianças).

Isto posto, é preciso considerar as ideias de Kuhlmann Junior (2015, p.31), acerca da infância: “[...] conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas. Localizá-las nas relações sociais, etc., reconhecê-las como produtoras da história”.

Concorda-se com Kuhlmann Júnior (2015) e acrescenta-se outro posicionamento importante acerca das crianças e suas representações sociais, principalmente na instituição educativa, pois a mesma precisa conhecer a comunidade atendida e as culturas plurais que constituem o espaço educacional.

É importante ressaltar também, acerca do processo de socialização das crianças, que foi importante ouvi-las sobre o seu primeiro dia de aula no 1º Ano do Ensino Fundamental, como pode ser observado na entrevista 05.

Entrevista 05: Você lembra o primeiro dia que você veio para cá, para essa escola, do Ensino Fundamental?

Lilian: *Foi legal. Brinquei A professora me apresentou.*

Manoel: *Dei bom dia, fui pra sala de aula, ai quando deu 6 horas, tava na hora da saída.*

Samuel: *Eu não lembro.*

Maria Luiza: *Eu fiquei muito desesperada porque era meu primeiro dia de aula, então eu fiquei muito desesperada para entrar na sala, eu não tava conseguindo respirar. Davi (meu primo), disse para eu ter calma. Eu achei que a professora não ia brigar com a gente, igual a professora da Educação Infantil.*

David: *Lembro que foi legal.*

André: *Foi legal sim, porque você sabe Carlos, ele tava assim pensando nas coisas, igual a antiga professora que eu te falei, tava assim lento, depois começou a ficar rápido. (Informação verbal)¹⁰*

As falas das crianças revelam alegria, “desespero”, medo e lembranças da etapa educacional anterior. Por isso a relevância da realização de pesquisas que possibilitem dar voz às crianças, no sentido de deixá-las expressar as suas ideias. É preciso reconhecer que o pesquisador também aprende com as crianças, ao mesmo tempo que este campo de pesquisa abre possibilidades teórico-metodológicas de pensar as crianças para além de um paradigma adultocêntrico.

Barbosa (2008), afirma:

Ser um pesquisador-educador implicaria, então, outra relação nesse universo da pesquisa? Seria possível envolver-se com a produção de um conhecimento teórico sistematizado, mais generalizado, sem perder de vista as necessidades singulares da prática? Como pesquisadores, nossa tarefa não é exatamente trazer todas as respostas, mas principalmente questionar nossos caminhos, opções achados, pois a boa pesquisa é aquela que termina com outras boas perguntas. Uma atitude de alerta, de vigilância metodológica, permite ao pesquisador ver, de modo mais eficaz e crítico, o seu procedimento ao longo da pesquisa, estranhar o que vê (BARBOSA, 2008, p. 14).

Inegavelmente, concorda-se com a colaboração de Barbosa (2008), pois a tarefa de ouvir as crianças, dar atenção as suas falas, surpreende o fazer metodológico na pesquisa, é preciso não se preocupar com as respostas, mas principalmente com os achados e as expressões infantis. Rego (2018, p. 9) corrobora: “[...] estudar a infância sob uma nova ótica, dando à criança um protagonismo inédito. [...] a criança é um ator ativo do seu processo de socialização”.

10 Respostas das crianças entrevistadas.

Partindo dessas premissas a pesquisa com crianças, vai evidenciando no seu arcabouço teórico-metodológico, o ato de desvendar as relações sociais das crianças, representando as infâncias em um tempo e espaço educacional no qual vivem. Nessa perspectiva, foi possível solicitar às crianças uma análise comparativa e/ou preferência sobre a escola que frequentou e que frequenta. A entrevista 06 corrobora com as vozes das crianças acerca da temática.

Entrevista 06: Quantas conversas legais crianças. Agora me falem aqui qual a escola vocês preferem mais? Da Educação Infantil ou essa aqui do Fundamental?

Lilian: *Eu não sei. Ah. Ainda está se acostumando aqui. Essa daqui. Porque tem quadra, tem a cantina, tem os amigos.*

Manoel: *Aqui é legal, por que aqui é legal. Tem pátio para brincar. A gente se diverte, brinca. Já estou aprendendo a ler, com minha mãe e a professora Andrea.*

Samuel: *Daqui? Porque brinco e estudo. Os meninos... são bem legais... inaudível... não me bate e me protege... eu gosto muito deles.*

Maria Luiza: *Porque essa daqui é bem boa só que minha mãe vai me tirar dessa escola. Por causa que não tava tendo aula. Eu, falei pra ela não mãe, não me tirar, porque tá tendo todo dia aula. Aqui eu estudo.*

David: *Eu prefiro, a escola daqui, porque estudo.*

André: *Daqui. Por que é mais legal, mais grande, vai ter uma quadra gigante. (Informação verbal)¹¹*

Há de se considerar as experiências escolares e infantis que as crianças vêm trazendo consigo. Essas pistas indicaram, nas falas das crianças, a unanimidade nas suas respostas, optando pela Escola do Fundamental. Os argumentos que fortalecem suas falas, têm relação com os espaços para brincar (quadra, cantina, etc.), com as novas habilidades adquiridas (a leitura e escrita) e com as novas amizades; essas opções oportunizam as crianças entrevistadas. Assim sendo, as respostas das crianças demonstram o que Corsaro (2011, p.57), aponta: “as crianças afetam e são afetadas pela sociedade”.

O pensamento de Corsaro (2011) nos remete a compreender e explorar as metodologias de pesquisa, que têm como ponto de partida a infância como estrutura social e as relações de reciprocidade e participação. Logo, a entrevista 07 encerra as conversas com as crianças dessa investigação, questionando-as sobre o que as crianças poderiam sugerir para a melhoria das atividades na escola do Fundamental que estudam.

Entrevista 07: E para encerrar, me falem aqui, o que vocês podem sugerir para a melhoria das atividades aqui na escola que vocês estudam? Vocês acham que está tudo bem? O que está faltando para melhorar? Gostaria muito de ouvi-los!

Lilian: *Pra gente ficar inteligente, deveria ter um espaço para brincar: parquinho, escorregador, brinquedo e ter o dia do brinquedo.*

Manoel: *Estou esperando a reforma da quadra, para jogar futebol com meus colegas. Quero uma biblioteca, um parquinho, reformar a nossa sala de aula. **Samuel:** *Pensando. [...] Não Sei! Está tudo ótimo! Hum... Eu queria... Eu ainda não sei! [...] Eu quero falar! Eu queria ar condicionado na sala, um negócio pra nós brincar, um parquinho, uma sala de brinquedos, e uma sala de música. **Maria Luiza:** *Eu queria um lugar para ter bastante brinquedo pra gente poder brincar, depois do recreio. Eu queria que tivesse balanço pra gente ficar balançando e um pula-pula.***

David: *Só quero brinquedos!*

André: *Atividades de pintura, reforma da quadra para brincar, jogar bola, basquete, brincar de pega-pega. Uma sala de tecnologia, aula de computador. Eu quero... Banheiros novos, só isso!*

Entrevistadora: *Muito bem, crianças! Que bom ouvir vocês, eu agradeço, muito obrigada. (Informação verbal)¹²*

Não há dúvidas nas falas das crianças entrevistadas, a linguagem do brincar enfatizadas em espaços para brincar (parquinho, sala de brinquedos, quadra reformada, sala de música, pula-pula, atividades de pintura, sala de tecnologia...). Ainda participam falando da infraestrutura da escola: banheiros novos, salas com ar-condicionado. De acordo com Martins Filho; Silveira Barbosa (2010):

Além da necessária participação ativa das crianças nas pesquisas, também estamos chamando atenção ao importante desenvolvimento de uma consciência político, pedagógica e teórico-metodológica em relação ao mundo social e cultural das crianças, principalmente, no que diz respeito à elaboração de princípios para a consolidação da própria constituição das crianças como sujeitos sociais ativos, deflagrando um projeto educacional e de práticas metodológicas não convencionais interligado aos anseios, desejos e necessidades das próprias crianças (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2010, p.10).

Sendo assim, Martins Filho; Barbosa (2010) comentam sobre a importância da participação ativa das crianças nas pesquisas, bem como o desenvolvimento de uma consciência política e teórico-metodológica em relação ao mundo em que vivem. Essa característica de ser participativo e ativo também é atribuída por Corsaro (2011, p. 15), quando aponta: “as crianças são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas.

Considerando que a infância de 0 a 6 anos, é uma fase da vida importante e a etapa do desenvolvimento educacional da criança, a partir da Educação Infantil até os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sendo temática desta pesquisa, as crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental, considera-se também a análise de Moruzzi; Tabet (2010):

Afirmamos também que a função primordial da educação para crianças de 0 a 6 anos é propiciar a experiência da infância que se caracteriza pela inventividade, pelo brincar, pelo lúdico e pelos conhecimentos que devem ser ampliados no sentido de instrumentalizar as crianças para novas experiências, inventividades e brincadeiras (MORUZZI; TEBET, 2010, p. 33).

Portanto, as ideias da Sociologia da Infância intermediadas ao longo desta investigação pela Pesquisa com Crianças, nos remete a apresentar o protagonismo infantil e a cultura de pares que existem na escola do Fundamental, exigindo uma mudança de pensamento em relação à criança e as infâncias. É preciso propiciar espaços para que as crianças com seis anos de idade participem, criem e se desenvolvam. Dar oportunidades também para ouvi-las, deixando as suas vozes ativas e com poder de participação.

Considerações finais: essa conversa não tem fim... e sim muitas vozes de crianças!

Esta investigação com as crianças trouxe muitas reflexões sobre o estudo da criança e da infância, com relação as suas expressões no cotidiano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Dessa forma, surgiu a seguinte problemática: é possível sonhar com a ideia de infância, no 1º Ano do Ensino Fundamental, de uma turma de crianças com a faixa etária de 06 anos, pertencentes a

12 Respostas das crianças entrevistadas.

Rede Pública Municipal de Ensino de São Luís-MA?

Assim sendo, a problemática serviu como ponto de partida para o desdobramento das questões norteadoras que enfatizaram nas suas inquietações: de que forma as crianças da rede pública municipal de ensino, de São Luís do Maranhão, veem a instituição educativa a qual estão inseridas? Em quais situações educativas, no 1º ano do Ensino Fundamental, é garantido o direito de ser (estar) criança como sujeito histórico e produtor de cultura? Quais ações de participação e expressão da cultura infantil podem ser sugeridas pelas crianças, para a melhoria das interações no cotidiano educacional?

Nessa perspectiva, as implicações práticas dos resultados gerados para o campo de estudo, trouxeram contribuições relevantes acerca da temática investigada. Constata-se nas falas das crianças entrevistadas a inserção da cultura escolar enfatizada nas turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ora escolarização, ora a linguagem do brincar. Em relação ao primeiro ano, as crianças, embora estejam participando das ações educativas do cotidiano escolar, estão sempre demonstrando as características da cultura infantil, expressando a linguagem do brincar nas suas falas.

É relevante abordar, primeiramente, que as crianças se relacionam bem; elas brincam, conversam e vivem em processo de interação com os seus pares. Contudo, ainda existem momentos de interação entre os pares, nos quais estar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, lembra uma memória de uma Educação Infantil, também impregnada de escolarização, como bem afirma Faria (2007), uma educação na qual a forma escolar as vezes não consegue dar espaço a linguagem infantil.

Por isso, a relevância da realização de pesquisas que possibilitem dar voz às crianças, no sentido de deixá-las expressar as suas ideias. Há de se considerar as experiências escolares e infantis que as crianças vêm trazendo consigo. Essas pistas indicaram, nas falas das crianças, a unanimidade nas suas respostas, optando pela Escola do Fundamental. Os argumentos que fortalecem as falas das crianças têm relação com os espaços para brincar (quadra, cantina, etc.), as novas habilidades adquiridas (a leitura e escrita) e as novas amizades. Essas opções oportunizam às crianças entrevistadas demonstrarem a sua participação e expressão enquanto agentes sociais, ativos, criativos que produzem suas culturas (CORSARO, 2011).

Em suma, sugere-se a continuidade de pesquisas com crianças que discutem acerca das expressões infantis no cotidiano das turmas do 1º Ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, para que as mesmas possam contribuir na formação das crianças, da faixa etária de até 06 (seis) anos de idade, como atores sociais de plenos direitos, e não como uma fase da vida ou em desenvolvimento. Implica no reconhecimento da capacidade simbólica que a criança possui quando se encontra em processo de interação com os seus pares, demonstrando a sua cultura infantil, dando sentido ao que produzem (GUTERRES, 2022).

Como pesquisadora, recomenda-se que as instituições educativas da Rede Pública Municipal de São Luís do Maranhão, disponibilizem às crianças espaços educativos para que as mesmas possam participar e interagir com os seus pares, vivenciando as suas culturas infantis por meio das brincadeiras, de outras linguagens: música, dança, cinema, tecnologia, dentre outras.

Espera-se que esta pesquisa evidencie para as instituições educacionais públicas municipais, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que as crianças com a faixa etária de 06 anos de idade, são consideradas como sujeitos históricos e de direitos, capazes de pensar e agir conforme a cultura infantil que estão inseridas. Por isso, a importância de contemplar as suas vozes, que ainda têm sido ignoradas e silenciadas no contexto da cultura escolar.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete. **A Pesquisa com crianças em infâncias e a Sociologia da Infância**. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (orgs.) – Campinas, SP: Autores, 2011.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é sociologia da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as

socializações e a escolarização no entretecer dessas culturas. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1059-1083, 2007.

BARBOSA, Silvia Néli Falcão. **O desafio de compreender e ser compreendido**. Reunião Anual da ANPEd. 31. Caxambú, 2008.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.html. Acesso em: 17 abr. 2011.

BRASIL. Lei nº 11.274, 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos Arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases para a educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 fev. 2006. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/norma/572813.html>. Acesso em: 03 maio 2022.

CAMPOS, Rafaely Karolynne do Nascimento. **Modos de brincar na educação infantil: o que dizem as crianças?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2017.

CORSARO, William Arnold. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Revista Educação e Sociedade**, v.26, n.91, p. 443-464, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000200008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 03 maio 2022.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da Infância**. Tradução: Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELGADO, Ana Cristina Coll. Manuel Jacinto Sarmento: a emergência da sociologia da infância em Portugal. *In*. REGO, Teresa Cristina. **Cultura e sociologia da infância: estudos contemporâneos**. 1.ed. Curitiba, PR: CRV, 2018.

FARIA, Ana Lúcia Goulart (org.). **O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes**. São Paulo: Cortez, 2007.

FERNANDES, Florestan. As “trocinhas” do Bom Retiro. **Pro-Posições**, v. 15, n. 1, p. 229–250, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643855>. Acesso em: 16 jun. 2022.

GUTERRES, Ione da Silva. **A infância, o brincar e a cultura escolar na pré-escola: um estudo da prática lúdica na Unidade de Educação Básica Mary Serrão Ewerton**, em São Luís/MA. 2022. 230 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Ensino da Educação Básica) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

GRAUE, Elisabeth; WALSH, Daniel. **Investigação Etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n.116, p.41-59, 2002.

KUHLMANN JÚNIOR, Moisés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

MARTINS FILHO, Altino José; BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Metodologias de pesquisas com

crianças. **Reflexão e Ação**, v. 18, n. 2, p. 08-28, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MORUZZI, Andrea Braga; TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. **Instituições**. In: ABRAMOWICZ, Anete *et al.* São Carlos: EdUFSCar, 2010.

MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da Infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 33-60, 2001.

QUINTEIRO, Jucirema. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. **Perspectiva**, p. 137-162, 2002.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B F.; PRADO, P. D. (Org.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. (v.1). 3.ed. Campinas: Autores Associados, p. 19-47, 2009.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, v.36, n. 2, p.631-643, 2010.

REGO, Teresa Cristina. **Cultura e sociologia da infância: estudos contemporâneos**. 1.ed. Curitiba, PR: CRV, 2018.

RODRIGUES, Silvia; BORGES, Tammi; SILVA, Anamaria. "Com olhos de criança": a metodologia de pesquisa com crianças pequenas no cenário brasileiro. **Nuances: estudos sobre Educação**, 2014.

RODARI, Gianni. **A Gramática da Fantasia**. 7. Ed. São Paulo: Summus, 1982.

SIROTA, Régine. Emergência de uma Sociologia da Infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 7-31, 2001.

Recebido em 06 de dezembro de 2022.

Aceito em 16 de janeiro de 2023.